

Infraestrutura da desinformação como configuradora de poluição semiótica¹

Ronaldo Henn²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO

O trabalho propõe-se a pensar o fenômeno da plataformação dos processos midiáticos e da cultura como configuradores das semiosferas contemporâneas e, ao mesmo tempo, desencadeadores de crises de natureza semiótica. Mais especificamente, articula conceitos como o de infraestrutura da desinformação, *junk news* e estranheza infraestrutural, na perspectiva de se compreender as materialidades em que se processam semioses dissonantes e ruidosas. Esses dispositivos formam ecossistemas com múltiplas camadas e plataformas, que terminam por produzir ruído semiótico, que se consubstancia em verdadeiros lixões semiosféricos. Do mesmo modo, adensam semiotizações potencialmente explosivas, a produzirem poluição semiótica. e, consequentemente, vulnerabilidade no conjunto dos sistemas conectados.

PALAVRAS-CHAVE: Semiosfera; *junk news*; estranheza infraestrutural; poluição semiótica; desinformação.

O objetivo deste trabalho é tematizar, a partir das materialidades e interconectividades das plataformas digitais, o que se entende como “poluição semiótica”, produzida, sobretudo, pelos processos de desinformação. Tendo-se como pressuposto que a semiosfera é o espaço em que se configuram e se metabolizam as semioses e que, segundo Lotman (2001), pelas suas estruturas assimétricas converte-se em um “gerador de informações”, pode-se inferir que, na condição de sistema informacional, ela está sujeita a ação da entropia. Por conta disso, defende-se que parte das operações semiósicas e de tradutibilidade, que movimentam a semiosfera, tende a se transformar em detritos semióticos, muitos dos quais podem ser reciclados em novos processos de tradução. Boa parte, no entanto, funciona como miasmas caóticos, com potencial de produzir forte instabilidade no sistema. Os modos como a desinformação contemporânea se configuram no âmbito das redes e plataformas digitais, seriam otimizadores da entropia, na medida em que são disruptivos, e, ao mesmo tempo, produziriam verdadeiros “lixões semiosféricos”.

Essa hipótese sustenta-se na constatação de que existe, hoje, uma infraestrutura da desinformação, cuja constituição se dá através de ecossistema multifacetado que

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor/pesquisador do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos. Bolsista de Produtividade e Pesquisa do CNPq, nível 2.

interconecta tecnologias suscetíveis à moderação com outras mais permissivas, sobretudo quanto as manifestações irrestritas de extremistas (Santos Júnior, 2021). As *affordances* destas ferramentas privadas facilitam o espalhamento de teorias conspiratórias e permitem o compartilhamento de links provenientes de redes com moderação ativa. Exemplos destas dinâmicas estão nos aplicativos e fóruns dos movimentos alt-tech, de extrema direita, como Gab, Parler, Haetron e Pew Tube. As plataformas, desse modo, funcionam como trampolins para a infraestrutura da desinformação (Santos Júnior, 2021).

Essa perspectiva alinha-se com o conceito de *junk news* proposto por Venturini (2019). Para esse autor, a noção de *fake news* é enganosa na medida em que supõe que notícias maliciosas são fabricadas, enquanto as confiáveis corresponderiam diretamente à realidade, fenômeno que negaria a própria essência da mediação jornalística. Neste sentido, defende que é a propagação, e não a falsidade, a marca de nascença destes conteúdos que deveriam ser chamados, no seu entendimento, de “notícias virais” ou mais apropriadamente de *junk news*, pois, tal como a *junk food*, são consumidas em abundância em função dos seus ingredientes viciantes. Nesta proposta, as *junk news* são perigosas, não porque sejam falsas, mas porque saturam o debate público, deixando pouco espaço para outras discussões, reduzindo a riqueza do processo argumentativo e impedindo que histórias mais importantes sejam ouvidas.

Esse cenário vincula-se ao que Gray, Bonegru e Venturini (2020) chamam de *estranheza infraestrutural* (*infrastructural uncanny*). A produção de *junk news*, em qualquer época, envolveria intervenções em torno de arranjos sociotécnicos específicos, através dos quais as notícias são disponibilizadas aos seus leitores, que podem ser entendidas como infraestruturas. Se, no passado, esses arranjos dependiam da maquinaria de impressão, composição tipográfica e fornecimentos de papel, entre outros fatores, os processos digitais potencializam dinâmicas de clonagem ao ponto de as infraestruturas que sustentam sua circulação serem indistinguíveis das originais. A estranheza infraestrutural forma-se pelas capacidades de mediação das infraestruturas digitais – para medir, quantificar, ordenar e reunir – que dão origem a efeitos estranhos, provocando incerteza e preocupação.

As noções de infraestrutura da desinformação, estranheza infraestrutural e *junk news*, sugerem que esses dispositivos formam a base material para semioses dissonantes e ruidosas. Elas interconectam com um fenômeno mais amplo, que vem sendo designado como plataformação ((Van Dijck e Poell, 2013), com suas dimensões de convergência,

conectividade, de espalhamento em rede, governança, ação de algoritmos e de inteligência artificial. Esses ambientes configuram semiotidades específicas, que demandam compreensão apurada para que se entenda, não só a lógica de suas processualidades (muito vinculadas ao que se entende como plataformação dos processos midiáticos ou da cultura, conforme Poell, Nieborg, Van Dijck, 2020), mas também a natureza e potência das suas semioses, com toda as redes de sentidos, que são capazes de gerar.

REFERÊNCIAS

GRAY, J.; BOUNEGRU, L.; VENTURINI, T. 'Fake News' as Infrastructural Uncanny. **New media & Society**. 22.2: 317 – 341, 2020. Print. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444819856912>. Acesso em: 08 fev. 2024.

LOTMAN, Y. **Cultura y explosión, Lo previsible en los procesos de cambio social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

_____. **Universe of the mind: a semiotic theory of culture**. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2001.

PASQUETTO, I. et. al. Disinformation as Infrastructure: Making and maintaining the QAnon conspiracy on Italian digital media. **Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction**. V. 6. Issue CSCW1, Article N.: 84, pp 1–3. 2022. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3512931#sec-terms>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SANTOS JÚNIOR, M. A. Clones do YouTube: replataformização da irrealidade e infraestruturas de desinformação sobre a Covid-19. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. 23(2):140-159 maio/agosto 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/22577>. Acesso em: 20 fev. 2024.

TERRANOVA, T. Attention, Economy and the Brain. **Culture Machine** 13: 1–19. 2012.

VENTURINI, T. From Fake to Junk News, the Data Politics of Online Virality. In BIGO, D; ISIN, E; RUPPERT, E. (Eds.), **Data Politics: Worlds, Subjects, Rights**. London: Routledge, 2019.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. **Strasbourg: Concil of Europe**, 2017.